



Sarney se prepara para conter os ataques e pode até ir à televisão

# Peso do Planalto aumenta no final

DILZE TEIXEIRA

Pesquisa da DataFolha divulgada nesse final de semana, indica que continua crítica a popularidade do presidente José Sarney a pouco menos de seis meses do término de seu mandato: 68 por cento dos entrevistados consideram o Governo ruim ou péssimo, 24 por cento entendem que sua administração é regular, enquanto apenas cinco por cento a consideram boa ou ótima. A enquete foi feita nas 10 principais capitais, no último dia 12.

Uma constatação desanimadora para qualquer governante. Mais ainda para Sarney, particularmente sensível ao julgamento popular. Contudo os resultados da pesquisa de que o Presidente tomou conhecimento na sexta-feira — não o afastaram um milímetro sequer da decisão que tomou há pouco mais de dois meses de governar com toda energia até o último minuto de seu mandato de modo a realizar o máximo possível.

## IMPOPULARIDADE

A inegável impopularidade do Presidente, apontada nas pesquisas, é questionada pelo seu secretário particular, Augusto Marzagão. Experiente na área de comunicação e marketing — por isso foi desafiado a tentar mudar a imagem do Governo — Marzagão respeita mas não confia no resultado final dessas pesquisas que, na sua opinião se utilizam de metodologia "equivocada". A desconfiança do secretário tem razão de ser: as pesquisas reservadas que encomendou a um instituto (que ele não revela o nome) utilizaram um sistema de aferição que revela um espectro mais amplo da amostragem que, sem induzir o entrevistado, busca detectar as razões de suas respostas a determinadas questões.

"Com base nessas pesquisas, tenho condições de saber o porquê da impopularidade do Governo. E foi assim que descobrimos que embora a maioria da população desaprove a administração, pessoalmente admira e respeita o Presidente. A rejeição — com base na análise dessas enquetes — é a uma situação geral, que na maioria das vezes não é da responsabilidade do Presidente", explica Marzagão.

E para justificar sua convicção revela que pela metodologia utilizada nas pesquisas reservadas que encomendou, fica evidente que a população não consegue dissociar o presidente da República dos problemas nacionais, dos seus ministros, do primeiro escalão de seu Governo nem sequer do prefeito de sua cidade. "Então, o Sarney é culpado de tudo. Da inflação que herdou e existe desde os tempos do Getúlio Vargas, da dívida externa — que já recebeu de seu antecessor em um patamar superior a 100 milhões de dólares, da incompetência de seus auxiliares, e até da chuva que caiu demais ou de menos".

Marzagão defende a "desideologização" das pesquisas eleitorais que estão sendo feitas "para que possibilite uma maior transparência na tendência do eleitorado". O secretário acredita que a amostragem dos entrevistados está concentrada em segmentos eleitorais, o que naturalmente reflete uma influência ideológica. Para refutar sua tese, ele cita a última pesquisa da DataFolha, cujos resultados revelam que 78 por cento dos simpatizantes do PDT estão descontentes com Sarney, 76 por cento dos peemedebistas e 75 por cento dos petistas

também reprovam o Presidente.

— Evidentemente a preferência partidária dos entrevistados revela o oportunismo político das legendas e a oposição ao Governo na caça aos votos. E foi apenas porque o PMDB não conseguiu dissociar sua imagem do Governo (do qual participou), que da fatia dos que considerou ótimo/bom o desempenho do presidente Sarney, 13 por cento são peemedebistas.

## NAO VALE BATER

O secretário particular da presidência dispõe de estudos que não divulga, mas que já são do conhecimento das assessorias políticas de todos os presidentes, demonstrando que em que pese a desaprovção popular ao Governo, a população não aprova, também, ataques gratuitos à figura de Sarney, que ao invés de gerarem dividendos políticos provocam um constrangimento que poderá comprometer o agressor.

Portanto, não foi sem razão que o candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello — que se notabilizou como o caçador de marajás, o jovem moralista que se proclamava "inimigo do Governo", refluíu em sua estratégia. Ele próprio anunciou na semana passada que não iria agredir o presidente Sarney alegando que os ataques não levariam a nada, a não ser a um mal-estar, na medida em que, ao defender-se dos ataques recebidos dos presidentes, Sarney respondeu com energia e até uma grande dose de emocionalismo, "mas, elegantemente, não atacou ninguém", como observou um assessor de Collor.

## FIEL DA BALANÇA

Constrangimentos à parte, muito mais que a antipatia popular — neste caso — os candidatos não querem abrir confronto com o presidente José Sarney. Não é preciso ser nenhum cientista político para entender essa posição. A História está aí para comprovar que todo Governo, por pior que tenha sido, detém uma parcela equivalente a 20 ou 25 por cento do eleitorado. E as projeções política indicam que a curto prazo três ou quatro candidatos assumirão posições bem próximas e equilibradas na preferência do eleitorado.

E é aí que o presidente da República poderá — se quiser — abandonar a posição equidistante de magistrado que tem assegurado manter até o final e passar a exercer um papel decisivo no processo de escolha do seu sucessor: a de fiel da balança, respaldado em seus 20 por cento dos votos já contabilizados. Fingindo-se de morto como vem fazendo, o eminentemente político José Sarney poderia na reta final transformar-se, talvez, na variante política mais importante do processo de escolha do futuro presidente da República.

No Palácio do Planalto todos juram, e até assinam em baixo, que o chefe está preocupado, apenas, em governar até o último minuto de seu mandato. Quer distância do processo sucessório. Mas, acreditar nisso seria ingenuidade. No mínimo, para quem sofre de "inapetência política" como alguns diagnosticam, Sarney tem se revelado superinformado em relação à evolução do quadro eleitoral nas conversas descontraiadas que mantém na Granja do Torto. O Presidente sabe tudo o que está acontecendo na política e o mais informado dos habitantes do Palácio do Planalto.

## Governo tem 20% dos votos

A.C. SCARTEZINI

A dois meses da eleição, a campanha presidencial exhibe a presença de 22 candidatos, mas nenhum deles representa o governo ou defende eventualmente o presidente Sarney, como comprovam os primeiros programas de propaganda na televisão e rádio. "O máximo que Sarney recebe a seu favor dos candidatos é a indiferença", confere o cientista político David Fleischer, da Universidade de Brasília.

O abandono de Sarney entre os candidatos é que o conduziu ao projeto de responder às críticas que receber na campanha eleitoral pelos mesmos meios eletrônicos e que, agora mesmo, pode levar o Presidente a buscar em suas prateleiras uma resposta para o ataque que sofreu do candidato Ulysses Guimarães (PMDB).

Sem piedade, Ulysses foi ao Maranhão, terra de Sarney, buscar depoimentos entre pessoas pobres contra o Presidente e seu Governo. Se Sarney quiser, a resposta pode vir nos próximos dias, antes de sua viagem a Nova Iorque na sexta-feira, no mesmo nível: funcionários do Planalto pesquisam nas prateleiras cópias de depoimentos em que Ulysses elogia Sarney.

A pesquisa dos funcionários não é difícil. Os elogios de Ulysses a Sarney e sua obra são generosos e abundantes em imagens da época áurea do Cruzado e de algumas das 19 ocasiões em que o candidato recebeu dele a presidência interina da República durante viagens ao exterior do titular.

A reação de Sarney só não seria inédita na atual campanha. Na mesma inauguração da campanha eletrônica em que Ulysses criticou Sarney, o candidato Aureliano Chaves (PFL) mostrou uma gravação em que recebe elogios do seu con-

corrente do PMDB — elogios feitos durante um debate em que Ulysses participou na televisão.

A diferença é que Sarney, sem candidato próprio na sucessão, não tem nada a perder com a resposta de Ulysses, enquanto Aureliano soma muito pouco ao seu baú de voto com os elogios do concorrente: nas pesquisas de opinião, a rejeição a Ulysses é mais de 20 vezes maior do que o apoio como candidato.

## A FALHA

Mas a situação poderia ser outra se Sarney dispusesse de um candidato entre os 22 que concorrem à sua sucessão, como conferiram neste final de semana assessores políticos que se debruçaram sobre o mapa da pesquisa da DataFolha a respeito do prestígio do Presidente.

Exposta na edição de ontem do CORREIO, a pesquisa, feita nas 10 maiores capitais na última terça-feira, revela que apenas 24 por cento julgam relutar o governo de Sarney e cinco o consideram bom ou ótimo. Daí, constatam os assessores que a soma de 29 por cento entre as duas parcelas mostra que um candidato de Sarney poderia estar no páreo.

O candidato estaria concorrendo para o segundo turno ainda que tivesse o apoio apenas da metade desses 29 por cento, sendo que esse contingente poderia ainda ser ampliado com a aceitação a Sarney que é maior no interior — o próprio presidente possui um cálculo antigo pelo qual um candidato do Governo teria automaticamente a simpatia de pelo menos 15 por cento dos eleitores.

Mas reconhece-se que faltou maior tempo ao Planalto na articulação de um candidato próprio a ser posto à disposição dos 82 milhões 557 mil e 414 eleitores, sobretudo por falta de vontade política efetiva de Sarney em buscar um nome entre os políticos em militância real.